

Seven, “os sete crimes capitais” de David Fincher: a mente do psicopata.

Mercês Muribeca*

Unitermos: serial killer; psicopatia; transtorno de personalidade anti-social; psicanálise; cinema.

Resumo

Este artigo aborda a temática da psicopatia através da lente do diretor David Fincher em seu filme “SEVEN, os sete crimes capitais”, exibido no ano de 1995, que impressiona a todos pelo seu magnífico roteiro. Como entrar na mente de um serial killer? Entender a motivação de seu desejo, a estruturação de sua subjetividade, a moção pulsional que o impele a ser e sentir o mundo de forma tão peculiar? Estes questionamentos nos impelem a seguir investigando.

INTRODUÇÃO

O filme *SEVEN* “os sete crimes capitais” apresenta o lado obscuro da mente de um serial killer, que pensa e age de uma forma muito particular. Seu *modus operandi* se baseia nos sete pecados capitais: gula; cobiça; preguiça; luxúria; vaidade; inveja e ira. Estes são comportamentos que não podem ser dissociados do humano e que são considerados pecados pelo catolicismo desde a Idade Média. No entanto, esse modo de fazer atuar seu pensamento vai além das fronteiras do território religioso, alcançando algo muito mais primitivo, algo que se desenha nas entranhas do humano: a mais pura essência da loucura ou da anormalidade.

O conhecimento cinematográfico se põe em contato com uma espécie de trabalho do inconsciente especialmente por privilegiar o uso da imagem. Nesse sentido, a leitura psicanalítica encontra assento cativo no cinema. E ao trabalharmos este filme, a psicopatia convida a psicanálise a decifrar esse enigma da psique humana que se esconde através da máscara da morte, do sinistro, do que é inominável.

CENA DE ABERTURA

Na abertura do filme vemos o psicopata arrancar a pele dos seus dedos para retirar suas impressões digitais, evitando com isso, que elas possam ficar gravadas no local do crime.

A história do filme se desenrola em sete dias e se passa na chuvosa e sombria cidade de Los Angeles, onde dois detetives que apresentam características bem diferentes acabam de se conhecer e são encarregados de uma arriscada investigação. A

primeira cena do filme se produz em torno da morte de um homem que havia sido assassinado pela sua esposa. O detetive William Somerset, interpretado por Morgan Freeman, visita o local do crime no exato momento em que o perito afirma: “crime passional”. O detetive ironizando responde: “Olhe a paixão na parede”. Somerset é um policial maduro, reflexivo, solteiro e solitário, admirado pela sua experiência, mas bastante cansado.

A sete dias de sua aposentadoria conhece o detetive David Mills, interpretado por Brad Pitt, um policial jovem, impetuoso e cheio de ilusões, recém transferido de uma pacata cidade do interior para substituí-lo. É casado com Tracy, professora de escola primária, interpretada por Gwyneth Paltrow.

Somerset, antes de sair de casa, num gesto extremamente simbólico aciona o metrônomo, disposto sobre sua mesa de cabeceira. A apenas sete dias de se desligar da corporação, acontece o primeiro dos sete crimes capitais.

○ PRIMEIRO CRIME - A GULA

Os detetives vão investigar uma desagradável cena de crime onde um homem imensamente gordo foi amarrado e obrigado a comer até a morte. Atrás da geladeira está escrito em gordura, a palavra GULA. O primeiro crime condena o glutão à morte, pois o pecado da gula é traduzido pelo desejo incontrolável por comida. O obeso aparece como a figura que traz gravada em seu corpo a face do pecado capital.

O detetive Somerset lê uma citação de John Milton em *Paraíso Perdido* deixado pelo psicopata na cena do crime: “É longo e difícil o caminho que

*Doutora em Psicologia (Fundamentos Psicanalíticos) - Universidade Autônoma de Madrid - Espanha. Psicanalista - Vice-Presidente e Coordenadora da Comissão Científica da Sociedade Psicanalítica da Paraíba (SPP) - Membro do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP).

do Inferno leva à luz".

Ao refletir sobre o crime diz: "Quando você quer matar alguém chega perto e atira. Não se arrisca 12 horas para matar, a não ser que o ato tenha um significado". E esse não é um ato isolado e tem um significado, pois os assassinos em série são predadores que usam intimidação e violência para controlar suas vítimas e satisfazer suas próprias necessidades. Devido a sua ausência de empatia para com os outros, eles violam as normas sociais sem o menor senso de culpa ou arrependimento.

Tomando o DSM IV como base, encontramos que tanto o psicopata quanto o sociopata são classificados como casos de Transtorno de Personalidades Anti-sociais. Já na CID 10 consta o termo Personalidades Dissociais. De acordo com a Associação Americana de Psiquiatria este termo é utilizado para aqueles indivíduos de comportamento habitualmente anti-social, que se apresentam sempre inquietos, incapazes de extrair qualquer experiência dos fatos passados ou dos castigos recebidos. Geralmente são pessoas insensíveis e hedonistas, de imaturidade emocional muito acentuada, e com muita habilidade para racionalizar seu comportamento de modo a que pareça correto e sensato.

Os transtornos da personalidade são anomalias do desenvolvimento psicológico que perturbam a integração psíquica de forma contínua e persistente. De modo geral, a psicopatia representa uma falha no processo de formação da personalidade, cuja característica essencial do transtorno seria um padrão de desrespeito e violação dos direitos dos outros. A extrema crueldade e insensibilidade emocional, assim como o engodo e a manipulação maquiavélica das outras pessoas são aspectos centrais neste transtorno da Personalidade.

Sob o ponto de vista intelectual, ele não possui qualquer prejuízo de sua capacidade de discernimento entre o certo e o errado, porém, no plano da afetividade carece de emoções morais, sentimento de culpa, arrependimento,

piedade ou vergonha. O psicopata não é um deficiente mental, ele possui uma boa fluência verbal e uma inteligência normal ou acima da média, geralmente é uma pessoa encantadora que possui uma excepcional capacidade de manipulação e sedução. Mentir, enganar e manipular são talentos naturais para o psicopata, sendo difícil desmascarar suas mentiras.

A indiferença emocional é o que o torna tão perigoso, pois lhe permite cometer os crimes mais hediondos sem remorso. O psicopata é uma pessoa sem valor moral e ético, sem consideração pelo outro, com total insensibilidade, mas plenamente responsável pelos seus atos.

O SEGUNDO CRIME - A COBIÇA

Pouco tempo depois acontece o segundo crime. Um famoso advogado da cidade é violentamente assassinado, e a palavra COBIÇA está pintada na parede, com seu próprio sangue, mas as digitais são da próxima vítima.

A cobiça é um desejo descontrolado de adquirir riqueza material. A possibilidade de ter muitas coisas é o que seduz e dá prazer. O advogado é encontrado amarrado com a cabeça sobre seus livros, com o rosto e um pedaço de carne do quadril cortados. A posição sacrificial aparece como forma de remissão do pecado. Dessa forma, procedeu o advogado, soltando criminosos para obter dinheiro e poder, portanto, morre, oferecendo-se diante do próprio objeto de seus crimes: os livros. Assim sendo, a colocação de sua própria carne na balança da justiça sobre sua mesa serve para redimi-lo de seu pecado.

Somerset lê um trecho retirado da obra O Mercador de Veneza de William Shakespeare que o psicopata havia deixado: "Uma libra de carne. Nem mais, nem menos. Sem cartilagem, sem osso, só carne. Cumprida esta tarefa ele estaria livre".

Uma mente que arquiteta lentamente seu projeto salvacionista e que no meio de sua desorganização caótica encontra toda a sua lógica. Seu desejo é punir sete pessoas segundo seus pecados capitais com vistas à absolvição.

O que leva Somerset a dizer que: "Estes crimes são atribuições forçadas. Ele deve ter deixado outra peça do quebra-cabeça. Coisas que nós deveríamos ver, mas não vemos. Coisas que vemos, mas não percebemos ou ocultamos, pois sempre pode haver algo que deixamos passar".

Os detetives trabalham com afinco avançando passo a passo na investigação, tentando encontrar as peças certas para a construção desse quebra-cabeça. Somerset, após anos de experiência, percebe que se trata de um serial killer, ou seja, um assassino seqüencial que comete crimes bárbaros, aparentemente sem motivo, executados a sangue frio e muitas vezes com planejamento cuidadoso. Porém, existem dois tipos de assassinos em série: os organizados, que planejam todos os aspectos de seus crimes, e os desorganizados, que são mais impulsivos e descuidados.

O termo Serial Killer - assassino em série - começou a ser usado na década de 1970, pelo agente do FBI e analista de perfil psicológico dos EUA Robert K. Ressler. Ele desenvolveu esta nomenclatura em substituição ao termo Stranger Killer - assassino desconhecido - e afirmou que 90 de 100 assassinos em série cometem seus crimes motivados por um impulso de caráter sexual sádico perverso.

Para o assassino em série, o crime é a própria fantasia, uma obra de arte, planejada e executada por ele na vida real. Seu prazer é visceral e a repetição continuada dos seus atos serve para reanimar suas fantasias, as quais permitem que ele se sinta extremamente vivo. Ele se excita em encontrar a presa, conquistá-la e capturá-la; podendo torturá-la, desmembrá-la, comer pedaços ou beber o sangue de suas vítimas. Seus crimes, geralmente, são cometidos com um intervalo de tempo e as vítimas possuem o mesmo perfil e quase sempre representam um símbolo. Estabelece com a vítima uma relação de intimidade e dominação, controlando a situação através da violência sexual e da tortura. O psicopata é uma pessoa opressora,

insensível, sádica, narcisista e egoísta. A psicopatia é tida, por Otto Kemberg (1994) como uma grave patologia do superego ou como uma síndrome de Narcisismo Maligno. O psicopata é uma pessoa perversa, mantém o princípio da realidade, mas carece de superego. Nesse sentido, ele poderia cometer seus crimes com total falta de escrúpulos e sem sentir culpa.

○ TERCEIRO CRIME - A PREGUIÇA

No quarto dia de intensa investigação, acontece o terceiro crime evidenciando o pecado da PREGUIÇA. A preguiça é um pecado caracterizado pela pessoa que vive em estado de desleixo, de falta de esmero, em negligência e morosidade que a leva à inatividade acentuada. O homem encontrado era um ex-cliente do advogado anteriormente assassinado, que estava há um ano amarrado a uma cama, alimentado apenas através da aplicação de soros. Pouco a pouco, foram cortadas partes de sua carne, cuja mão decepada escreveu o pecado do advogado na parede. A vítima acabou comendo a própria língua.

Para compreender a lógica dos crimes, Somerset seleciona uma série de obras que versam sobre os sete pecados capitais, tais como: Os Contos da Cantuária de Geoffrey Chaucer, O Paraíso Perdido de John Milton e a Divina Comédia de Dante Alighieri, na intenção de saber como funciona a mente do psicopata para poder capturá-lo.

A referência à obra de Dante, especialmente ao purgatório, enquadra-se no contexto de *SEVEN*, pois a austeridade com que o psicopata impõe a expiação dos pecados a seus sentenciados é quase inenarrável. Os pecados eram usados nos sermões medievais como ensinamentos. Acreditava-se que para cada pecado cometido existia um castigo correspondente. Os detetives percebem que o psicopata está pregando e que esses crimes são os seus sermões. Ele está no lugar de Deus que lhe deu uma missão. Sem sentimentos de culpa ele constrói sua obra, dita sua lei, se identifica ao todo-poderoso, ele é o criador e os detetives são suas criaturas. Somerset afirma:

"Ele é um sujeito metódico, preciso e, pior de tudo, paciente".

Os detetives entendem que o psicopata não tem qualquer senso de ética ou de moral. Que ele é uma pessoa extremamente fria do ponto de vista emocional e não manifesta nenhum sentimento com relação às vítimas, sendo capaz de praticar os mais terríveis atos de violência. Somerset, por meio de sua genialidade, descobre através da marcação de alguns livros em bibliotecas públicas, uma lista de nomes que o leva até John Doe - nome dado aos cadáveres americanos que chegam aos necrotérios sem identificação. Os policiais entram no apartamento e encontram uma série de cadernos onde John Doe, interpretado por Kevin Spacey, se autodenomina um cumpridor das ordens de Deus para purificar o mundo. Sem nome, sem digitais, sem história, não se sabe de onde ele vem, nem quem ele é. Um Zé Ninguém que se torna alguém na medida em que tenta resgatar seu próprio ser no mundo através da punição dos 7 pecados capitais e da seqüência mórbida dos crimes cometidos por ele. Uma mente doentia, mas extremamente inteligente.

○ QUARTO CRIME - A LUXÚRIA

O quarto crime simboliza a LUXÚRIA que consiste no apego aos prazeres carnis, sexualidade extrema, lascívia e sensualidade. Num bordel, um homem é obrigado amarrar a si um falo cortante e penetrar uma prostituta até a morte pelo excesso de sexo.

Em perseguição ao psicopata, o detetive Mills quase foi morto. Não entendendo por que sua vida foi poupada, se sente atordoado e impotente com a seqüência de crimes. A senhora Mills não tem amigos, se sente só e por isso escolhe Somerset para confidenciar sua angústia. Ela está confusa porque está grávida e não sabe o que fazer com essa nova perspectiva de vida, uma vez que está deprimida por viver numa cidade que ela odeia.

Somerset encontra Mills e comenta que todos nós lidamos diariamente com as paixões mais primitivas, reprimindo-

as, educando-as redirecionando-as para outros fins, ou seja, sublimamos nossas pulsões sexuais mais desregradas para não sermos aniquilados pelos nossos próprios desejos. Algumas pessoas, porém, fazem do caminho da destruição sua obra prima, permitindo que as desorganizações caóticas dessas paixões mais sórdidas governem insanamente seus atos.

Somerset tece seus comentários sobre a vida, explicando que é mais fácil se entregar às drogas que lidar com a vida, é mais fácil roubar que trabalhar para ter, é mais fácil bater numa criança que educá-la. Sua apatia é grande e ele comenta que o amor custa caro, requer esforço e trabalho. É preciso domesticar as pulsões agressivas. O detetive Mills não concorda com seus argumentos e acredita que ele é um pessimista. Somerset, diz que: "É impressionante ver um homem se alimentando de suas ilusões". E agrega: "Estamos falando da vida, do cotidiano de milhares de pessoas sem rostos, que caminham incógnitos na multidão. O assassino é só um homem, não é o diabo".

O psicopata busca constantemente seu próprio prazer e, quando mata, tem como objetivo final humilhar a vítima para reafirmar sua autoridade e sua auto-estima. A maioria dos homicidas tem um problema com origens perceptíveis no ambiente familiar. Alguns estudiosos acreditam que o ambiente no qual o indivíduo está inserido exerce fundamental influência no processo de construção de uma mentalidade homicida. Compreendem que a família funciona como elemento fundamental para a construção da subjetividade e da vida psíquica do sujeito, portanto a realidade do ambiente familiar é um determinante essencial para o desenvolvimento psíquico do ser humano.

Alguns pesquisadores perceberam que existem antecedentes pessoais e familiares que se reiteram no psicopata: a maioria passou por situações de humilhação na infância e na adolescência, sofrendo abusos emocionais, físicos e sexuais. São histórias de vidas problemáticas contendo violência familiar. Porém, nem

toda família produz um Serial Killer, porque esses mesmos antecedentes se apresentam em outras pessoas que não chegam ao crime.

Freud em *O mal estar na civilização* (1930) pensa que o homem tem um impulso inato para o mal, para a agressividade, para a destruição e para a crueldade. Sua teoria é que o ódio está na base de todas as relações de amor e de afeição entre seres humanos. Muito antes o filósofo inglês Thomas Hobbes havia afirmado que o homem é o lobo do homem.

O QUINTO CRIME - A VAIDADE

O quinto assassinato é contra o pecado da vaidade. Uma linda mulher tem seu rosto completamente desfigurado pelo psicopata. A modelo teve um telefone colado a uma mão e um frasco de remédios à outra. Diante disto, o psicopata lhe apresenta duas alternativas: dormir, adormecer a dor e morrer, ou pedir socorro, e ter a possibilidade de viver com cicatrizes para sempre. A mensagem deixada era: "Grite por socorro e viverá. Mas ficará desfigurada. Ou ponha um fim na sua própria dor". Morrer a viver sem a beleza exterior, foi o caminho escolhido pela modelo.

Juntando peças, construindo o mosaico, Somerset banhado pelo desânimo diz: "Mesmo as melhores provas apenas levam a outras. Tantos corpos são enterrados sem serem vindados".

O SEXTO E O SÉTIMO CRIME - A INVEJA E A IRA

Depois de haver assassinado cinco pessoas, John Doe se entrega aos detetives, dizendo que já possui os dois corpos que faltam para completar a sua obra, que seriam o da inveja e o da ira, mortos em lugar que só ele sabia.

John Doe, conduz os dois detetives para fora da cidade, um local sob a luz do sol, onde estariam os corpos de suas últimas vítimas. No caminho ele revela aos detetives que só está fazendo o seu trabalho, ocasião em que afirma seu desejo pessoal em fazer cada pecado se voltar contra o pecador. Ele comenta que: "Todos nós vemos um pecado capital em cada esquina,

em cada lar. Nós toleramos porque é uma coisa comum. Mas, isso acaba no momento em que estou dando o exemplo. Tudo o que estou fazendo vai ser decodificado, estudado e imitado por outros seguidores".

John Doe justifica seus crimes dizendo que o mundo não se lembra ou não conhece os crimes capitais. Ele se vê como a Espada de Deus, que pune quem peca, tendo a necessidade de livrar o mundo do que julga imoral ou indigno. O psicopata comete atrocidades com suas vítimas pelo prazer de serem reconhecidos em todo o mundo.

Durante todo o tempo a morte está presente no filme: cenas noturnas, obscuridade, chuva, um clima de opressão paira no ar, mas ela nunca esteve tão presente quanto no momento em que no meio do nada, em pleno descampado, sob um sol abrasador chega uma camionete, pontualmente às sete horas, para entregar uma encomenda direcionada ao detetive Mills.

Somerset abre o pacote que continha a cabeça decepada da senhora Mills. O filme ganha um intenso tom de dramaticidade. Desesperado, ele gesticula e grita para que Mills não ouça e não entre na lógica de John Doe. Corre em sua direção e suplica para que ele não o mate, para que não se cumpra à vontade do psicopata. Somerset sabia que o melhor suplício a ser imposto ao psicopata era deixá-lo com vida, pois ao ser morto o mesmo completaria a sua missão e alcançaria a sua glória.

Astutamente John Doe revela ser a inveja. Confessa que seu sexto assassinato foi o da senhora Mills que estava grávida. E diz: "Eu também cometi um pecado capital. Tenho inveja de não enxergar o mundo como vocês". Porém, neste instante nada há o que invejar do mundo do detetive Mills, pois ele está desabando. No mesmo momento em que lhe é revelada a paternidade ela lhe é retirada. Nada consegue aplacar a sua ira. Sua esposa está morta e ele não pôde fazer nada para impedir, não pôde prever o ato do assassino, mas o assassino pode pressentir o dele. John Doe diz: "É mais confortável para você me

rotular como um insano, mas eu matei sua mulher e o bebê para que você assumisse a ira".

Mills está atordoado pela dúvida, pois se matar John Doe assumirá ser a Ira e o brincar com a vitória, mas se não o matar perderá sua honra, por não vingar a morte de sua mulher. Então, como foi proferido pelo psicopata o ato final, o sétimo e último crime é cometido pelas mãos do detetive Mills, que não agüentando mais a inominável dor que sentia se torna a ira e mata John Doe, concluindo assim a obra deste último.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

No final de *SEVEN*, entender a mente do psicopata ainda é mergulhar num labirinto, lançar-se num jogo de enigmas. Até o presente momento as origens e o funcionamento psíquico das entranhas mental do psicopata serial killer ainda é algo indecifrável. Existe um desencadeante que, todavia é enigmático na causa da psicopatia. Dessa forma, há estudiosos que acreditam em distintas hipóteses: disfunção dos hormônios; dos genes; dos neurotransmissores; da atividade cerebral; proveniente de uma infância difícil vivida em lares desestruturados; inata à natureza humana. Diante de tantas proposições, parece mais adequado pensar numa combinação de numerosas causas operando em distintas proporções e em diferentes sujeitos.

No filme, porém, a última palavra fica a cargo do detetive Somerset quando cita uma frase de Ernest Hemingway: "O mundo é um bom lugar e vale a pena lutar por ele". Ao que conclui: "Concordo com a segunda parte". Somerset encarna a esperança. Ou como diria Immanuel Kant: "O coração humano recusa-se a acreditar num universo sem uma finalidade".

REFERÊNCIAS

- CASOY, L. *Serial Killer. Louco ou Cruel?* São Paulo: WVC, 2002.
- DOUGLAS, J. & OLSHAKER, M. *Mentes Criminosas e Crimes Assustadores*. S. Paulo: Ediouro, 2000.
- DSM IV. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. São Paulo: Artes Médicas, 1996.
- FREUD, S. O mal estar na civilização (1930[1929]). In: _____. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas*. v. XXI. Rio de Janeiro, Imago, 1996.
- GENOVES, V. G. *La mente criminal: la ciencia contra los asesinos en serie*. Madrid: Temas de hoy, 2007.
- _____. *El psicópata: un camaleón en la sociedad actual*. España: Algar, 2005.
- _____. *Cara a cara com el psicópata*. Barcelona: Ariel, 2004.
- HESNARD, A. *Psicología del Crimen*. Barcelona: Ediciones Zeus, 1963.
- KEMBERG, O. *La agresión en las perversiones y en los desórdenes de la personalidad*. Buenos Aires: Paidós, 1994.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Classificação Internacional de doenças*. v. 10. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- RESSLER, R. K.; SHACHTMAN, T. *Asesinos en serie*. Barcelona, Ariel, 2005.
- SCHNEIDER, K. *Las personalidades psicopáticas*. Madrid: Ediciones Morata, 1980.
- TENDLARZ, S.E.; GARCÍA, C.D. *¿A quién mata el asesino?* Buenos Aires: Grama, 2008.